

A cidade como lugar de salvação: desafios e possibilidades da vida cristã no espaço urbano contemporâneo

Drance Elias da Silva¹

Resumo: A cidade, enquanto expressão fundamental da experiência humana e da sociabilidade, constitui-se como espaço privilegiado para a compreensão do fenômeno religioso contemporâneo. Este estudo, inspirado na teologia urbana de José Comblin, propõe uma reflexão sobre os desafios e as possibilidades da vida cristã na cidade, especialmente diante do avanço do individualismo, da escassez do tempo livre e da desconfiança em relação ao outro. Partindo da constatação de que a salvação da pessoa humana passa pela salvação da cidade humana, o trabalho investiga os efeitos sociais do comportamento individualista nos centros urbanos, inclusive no interior das comunidades religiosas. O texto destaca o caráter contraditório da cidade – ao mesmo tempo ameaça e esperança – e convida líderes e grupos religiosos a perceberem a vida urbana como lugar de compromisso ativo com a vida, onde a fé é chamada a se reurbanizar e reconstruir laços de confiança e fraternidade. O objetivo é subsidiar experiências comunitárias que buscam equilíbrio emocional, felicidade e sentido existencial no cotidiano da cidade.

Palavras-chave: Fenômeno religioso. Individualismo. José Comblin.

128

1 Introdução

A cidade é fundamentalmente uma experiência humana. A pessoa humana criou a cidade porque ela é expressão de sua própria natureza de ser social. Nela vimos acontecer as grandes mudanças tecnológicas e culturais. Nosso fazer histórico parece ter sido mais acelerado desde o surgimento e o aprofundamento de nossas experiências na cidade.

As nossas experiências culturais, dentre elas, o fazer religião, muito se desenvolveu. Pensemos no cristianismo enquanto uma experiência religiosa: nasceu urbano, ruralizou-se e hoje volta, não sem problemas, a fazer-se urbano. O “urbano” é a experiência na cidade, e com ela, a fé na cidade sofre um profundo impacto. Nesse processo, a cidade vai se tornando um grande desafio para a vida cristã, ao tornar-se espaço de contradições: ameaças e esperanças.

A cidade nunca foi um dado neutro na história da salvação. Já nas Escrituras, ela aparece sob o signo da tensão: é Caim quem funda a primeira cidade (Gn 4,17), mas é também para a Jerusalém celeste que se dirige a esperança escatológica do Apocalipse (Ap 21,2). Ameaça porque nela se concentram, como em nenhum outro espaço, as forças de desagregação da vida humana: o anonimato das multidões, a

¹ Pós-doutorado pela Escola Superior de Teologia – RS (Faculdades EST), Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia (UFPE). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. País de origem: Brasil. E-mail: dranceelias1991@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-6821-6997>



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

primazia do valor de troca sobre o valor de uso, a transformação do solo em mercadoria e a redução do encontro a contatos funcionais geram um ambiente onde a solidão se torna a experiência mais compartilhada. Esperança, porém, porque a cidade permanece sendo o lugar onde a promessa da vida nova pode irromper. A concentração populacional é também concentração de dons, de criatividade, de culturas que se encontram e se fecundam mutuamente. A teologia urbana de José Comblin recusa, portanto, tanto a demonização da cidade quanto sua idealização ingênua, discernindo na materialidade complexa do espaço urbano os sinais dos tempos (Comblin, 1991).

129

Tomando como inspiração a preocupação teológica de José Comblin com a “cidade”, buscamos de forma breve refletir algo em torno da convivência para o equilíbrio emocional e para a felicidade das pessoas que vivem na cidade. Afinal, segundo José Comblin, “a salvação da pessoa humana passa pela salvação da cidade humana. O homem não vive solitário, ‘habita’. Só se salva no mundo ao qual pertence. Só se salva salvando seu próximo. E seu próximo é esse povo da cidade onde cada um vive” (Comblin, 1991, p. 163).

Pertencemos a um lugar que nos impõe a seguinte questão: em tempo de muito individualismo, de pouco tempo livre e da desconfiança extrema do “outro”, os relacionamentos saudáveis perderam terreno até mesmo dentro das igrejas. Além dos efeitos para o indivíduo, quais efeitos sociais as cidades sofrem com o comportamento mais individual dos seus habitantes? A citação de Comblin acima mencionada impulsiona-nos a expressar nossas preocupações quanto ao que percebemos que tramam contra nossa salvação em um contexto de lugar no qual vivemos nossa sociabilidade cotidianamente, e buscamos sentido.

2 Sociedade, relações e o individualismo urbano

A sociedade é possível porque os indivíduos se constituem como seres de relação e, assim, vivem em permanente interdependência. Ninguém, isoladamente, a constitui enquanto algo intencional: do viver juntos é que os indivíduos, em suas relações, desenham formas institucionais complexas para servirem à condição de interdependência. Ocorre que o individualismo moderno, enquanto configuração sociocultural de longa duração, ataca precisamente esse fundamento. Não se trata de mero egoísmo moral, mas de um processo que encontra suas fontes na dissolução das comunidades tradicionais, na racionalização econômica capitalista e na exaltação liberal do indivíduo como unidade autossuficiente de decisão e de consumo.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Lipovetsky (2005) caracteriza esse processo como a instauração de uma "era do vazio", marcada pelo enfraquecimento dos vínculos sociais e pela centralidade do eu. Na cidade grande, esse processo atinge sua máxima intensidade: o apartamento individual, o transporte individual, a tela individual. O espaço público é vivido como espaço de passagem ou de ameaça, não como lugar de enraizamento e de pertença.

a) Cidade onde as pessoas têm relações mais curtas e comportamento mais individualista.

A vida de uma cidade depende fundamentalmente das relações. As pessoas e suas relações fazem a cidade. A cidade não acontece por um milagre, mas por vínculos, por relações: “A cidade é feita, inicialmente, pelas pessoas que nelas residem ou que por elas passam. [...] A cidade é um centro de relações, porque é, antes de mais nada, uma comunidade de pessoas. E as pessoas humanas existem nas suas relações” (Comblin, 1996, p. 46).

Quando passamos por um bairro e nos damos conta de seus muros, sempre mais altos, perguntamo-nos se a vida está entre os muros ou lá fora; se estamos mais seguros entre os muros ou na rua; se a vida é melhor ampliando as relações ou reduzindo-as a seletos encontros com os que já conhecemos. Como viver numa cidade onde as pessoas não se dão ao encontro? Em cidades onde as pessoas têm relações curtas, a vida também encurta e o outro nunca é percebido e muito menos reconhecido.

Forma-se um círculo vicioso: o isolamento gera sofrimento psíquico, que torna o contato social mais ameaçador, que por sua vez aprofunda o isolamento. A desconfiança em relação ao outro é simultaneamente sintoma e causa desse processo. Desconfia-se do vizinho, do estrangeiro, do vendedor ambulante, do político, do próprio colega de trabalho. A confiança – esse cimento invisível da vida social – é corroída sistematicamente pelas dinâmicas urbanas contemporâneas.

O individualismo como expressão ideológica da vida moderna encarcera a pessoa, tornando-a prisioneira de um mundo que não se compartilha. O mistério da vida é não estar apenas vivo, mas existindo com o outro, buscando conversação. A cidade brota disso, ou seja, da conversação entre as pessoas e, nesse sentido, é preciso “perder tempo” e não “ganhar tempo” quando se trata de relações entre as pessoas. Relações curtas, pouco duráveis no sentido de que não damos tempo, são por demais utilitárias; exigem pressa e pouca atenção. A cidade está abarrotada de carros, torres, viadutos, shopping, incluindo também uma plataforma de redes sociais que se expressa por meio de blogs, YouTube, Facebook, WhatsApp... Tudo visto como meios de relação, contatos, encontros! Será? A vida está escapando porque as pessoas e suas relações que deveriam fazer acontecer a cidade, a convivência, estão-se fechando e



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

desobrigando-se umas das outras para que possam ser, preferindo, portanto, a cidade como expressão do ter.

O mais inquietante é que essa lógica não permanece do lado de fora dos templos. Ela penetra nas comunidades religiosas. Multiplicam-se as formas de consumo religioso individualizado, em que o fiel busca serviços espirituais sob medida, sem compromisso estável com uma comunidade concreta. A própria noção de pertença eclesial é posta em xeque pelo modelo do "cliente religioso", que transita entre ofertas simbólicas como quem frequenta um shopping center do sagrado. Comblin (1986) já alertava para esse perigo, insistindo que a fé cristã ou é comunitária ou se desnatura em religiosidade intimista e estéril. Não basta exortar as pessoas a serem mais generosas ou fraternas; é preciso criar condições espaciais, temporais e institucionais para que a experiência da comunhão se torne possível e desejável.

131

b) Comportamento individual e sua relação com a violência

Vivemos numa época caracterizada pelo aquecimento global, o crescimento da desigualdade e do desemprego, a proliferação do narcotráfico, das milícias e da corrupção. A insegurança permeia uma contemporaneidade que, muitas vezes, reage transformando a segurança em uma obsessão. O colapso dos sistemas políticos se deve ao fato de que eles não contemplam formas de imaginação que possam ajudar a encontrar novos caminhos para se viver em sociedades de grandes dimensões. Comblin situa-nos frente a alguns desafios que continuam profundamente pertinentes para que haja uma cidade habitável:

Segurança (talvez a que mais aparece nos meios midiáticos), a falta de trabalho (com isso quem mais sofre são os pobres; na cidade, eles logo tornam-se vítimas do narcotráfico), moradia (esse é o setor primordial; na ordem dos desafios ele vem primeiro; talvez, seja o que mais motiva a coletividade para resolver), educação (enquanto os ricos bancam a educação dos seus filhos, aos pobres só resta a escola pública, cuja estrutura não dá conta de uma educação popular), a cultura e o lazer (a cidade não privilegia esses espaços; o que sobra são os churrascos celebrados nas casas dos amigos) e, por fim, a saúde na cidade (além de péssima qualidade, é mal gerida; precisa-se de mais assistência nos bairros, evitando superlotação nos hospitais que seriam para casos especializados) (Comblin, 1996, p. 173-176).

Os aspectos acima mencionados não são colocados apenas como “desafios”, mas também constituem faces da violência urbana, afinal, uma vida boa é aquela sem agressão aos direitos de morar bem.

A violência nas grandes metrópoles tem aprofundado o medo. Ter medo de viver em uma “cidade grande” se deve, sobretudo, à falta de confiança. Fazer amizade, por exemplo, em tempo de relacionamentos curtos, de vida marcada por atitudes individualistas, não só é desafio, mas constitui um impedimento para a felicidade das pessoas. Medo de morrer, medo de andar à noite, medo de sair, medo de brincar na rua, medo de tomar um ônibus...



Essas coisas em si são expressão de violência, pois prescindimos cada vez mais do exercício de nossa plena liberdade. E essa não significa o direito de fazer o que as leis permitem, mas o projeto mesmo de realização de nossas metas transcendentais. A relação se inscreve na abertura e respeito que temos para com o outro com quem me encontro e, mutuamente, reconhecemo-nos. Reconhecemo-nos na diferença que temos e somos.

A modernidade trouxe autonomia e vida individual, mas a exacerbação disso como valor fez aparecer o individualismo como antítese do tipo de relação como a da amizade; pois essa só é possível quando construída no face a face. Isso leva tempo, dedicação, confiança, amor ao próximo.

c) O vazio dos espaços públicos e sua relação com o comportamento individualista

O comportamento individualista não é criativo, pois ele não compartilha e não conspira em favor da vida. Ele enrijece a pessoa, impossibilitando que ela se dê, que ela se entregue à relação. O shopping como lugar de encontro é tido como “lugar seguro” e, é verdade, lugar de contato, de se encontrar, mas será lugar da amizade ou lugar dos negócios? É possível irmos a um lugar de consumo para consumir uma amizade? Iremos ao shopping para negociarmos uma amizade?

Esses novos lugares públicos são lugares de encantamentos e que não aliviam o vazio que sentimos da falta que uma relação verdadeira faz. Entre o público e o privado preferimos a exacerbação do privado e um público com mais segurança. O individualismo é isso, ele ressignifica ambos os lados aprofundando negativamente o si mesmo. Um dos grandes desafios deste século é a qualidade de nossas relações.

3 A salvação da pessoa passa pela salvação da cidade humana

Posto esses três aspectos, nos perguntamos inspirados na perspectiva teológica de Comblin: é possível o seguimento de Jesus em um lugar onde a vida se depara com um excesso de urbanismo e com isso tantos problemas se afloram? A conjuntura do momento até poderia responder dizendo que não seria possível esse seguimento. Tudo parece tão sem esperanças quando percebemos que as cidades tramam contra a vida: o mundo urbano tem cara, tem rosto revelador de uma realidade que parece tramar contra a vida humana e que, sem dúvidas, vem consolidando convicções perceptíveis por toda a sociedade, como críticas ao horror econômico.

Essa realidade desencadeada por uma agenda de interesse há muito colocada na perspectiva neoliberal impacta a vida cotidiana das pessoas nas grandes cidades. A realidade atual vem fazendo eclodir denúncias fortíssimas contra a globalização sob a ótica financeira, que aumenta o empobrecimento; contra o desemprego, que acena



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

definição estrutural e que ameaça o futuro da humanidade; contra a obrigatoriedade de aceitar a pessoa humana reduzida à mercadoria descartável; contra a liberalização total do sistema financeiro, que aumenta, a cada dia, a especulação perversa; contra o domínio do pragmatismo, que se confirma no imediato.

É precisamente aqui que a afirmação central de Comblin revela toda a sua força teológica: a salvação da pessoa humana passa pela salvação da cidade humana. Esta afirmação implica uma ruptura com a concepção individualista da salvação que, por séculos, dominou o imaginário cristão ocidental. Tradicionalmente, a salvação foi pensada como um evento que ocorre na interioridade da alma e que se consuma numa eternidade fora do tempo e do espaço. A teologia urbana latino-americana opera uma inversão profunda: a salvação é concebida como realidade integral, que abrange a totalidade da existência humana, incluindo suas mediações sociais, econômicas e espaciais.

133

4 Reurbanizar a fé: reconstruir laços de confiança e fraternidade

O caminho do Samaritano ao qual Comblin se refere é o caminho da liberdade. A liberdade de não ter amarras institucionais que impeçam o acolhimento do outro necessitado. O amor de Deus é assim, acolhedor, seja com os pobres do campo ou com os da cidade. O que está posto como exigência cristã é a conversão ao pobre como conversão a Deus.

E Comblin sabia que esse tipo de conversão exige uma opção concreta e eficaz de solidariedade, não apenas com um ou outro pobre, mas com os pobres como vítimas de um sistema de exploração e marginalização; exige o engajamento no processo histórico de mudança desta sociedade. Impõe ao cristão sair do próprio mundo e mudar-se para o mundo do pobre, para assumir com ele a luta da libertação.

É aqui que a fé é chamada a se reurbanizar e reconstruir laços de confiança e fraternidade. Reurbanizar a fé não significa simplesmente adaptar a linguagem religiosa ao ambiente urbano, mas repensar a própria forma da experiência crente a partir dos desafios e das possibilidades que a cidade oferece.

Reurbanizar a fé é, em primeiro lugar, redescobrir a rua como lugar teológico. Durante muito tempo, a pastoral cristã concentrou-se no templo como espaço privilegiado da presença divina. A rua era apenas o caminho para chegar até ele. Ora, a cidade ensina que é na rua que a vida pulsa, que os corpos se encontram ou se evitam, que as injustiças se tornam visíveis, que as resistências se organizam. Comblin (1998) propõe uma teologia da vida cotidiana que valoriza precisamente esses espaços profanos como lugares de revelação. Uma fé urbanizada aceita o descentramento do templo e se dispõe a caminhar com os transeuntes, a escutar suas histórias, a partilhar suas angústias. O próprio Jesus é modelo dessa itinerância: percorria cidades e aldeias, fazia da rua e da casa espaços de encontro, curava em plena via pública.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Em segundo lugar, reurbanizar a fé é reconstruir a confiança em um ambiente que a corrói constantemente. A comunidade cristã é chamada a ser um laboratório de confiança, um espaço onde as pessoas possam baixar as defesas e experimentar a vulnerabilidade sem medo. Isso exige uma profunda revisão das relações internas de poder nas igrejas, muitas vezes marcadas pelo autoritarismo clerical ou pela competição entre lideranças. A confiança não se decreta; ela se constrói na prática cotidiana da escuta, da transparência, do perdão oferecido e recebido.

Em terceiro lugar, reurbanizar a fé é inventar novas formas de fraternidade que correspondam à escala e à diversidade da cidade grande. A fraternidade das pequenas comunidades rurais ou dos bairros homogêneos já não é possível. A cidade coloca em contato pessoas com trajetórias, valores e ritmos radicalmente diferentes. A fraternidade urbana será necessariamente uma fraternidade de diferenças, capaz de acolher o conflito como parte da convivência e de construir consensos provisórios a partir do reconhecimento do outro como sujeito.

134

5 Considerações finais

A perspectiva aqui desenvolvida aponta para uma espiritualidade encarnada, que não foge da complexidade urbana nem se resigna a ela, mas a assume como matéria-prima do Reino. A cidade, com suas contradições dilacerantes e suas possibilidades insuspeitadas, é o lugar onde Deus continua a visitar seu povo e a convocá-lo para a tarefa comum de construir uma habitação digna para todos os viventes. O convite que se dirige a líderes e grupos religiosos é claro e exigente: sair da zona de conforto dos templos e das linguagens herdadas, caminhar pelas ruas com o olhar atento aos sinais do Espírito, recriar os vínculos de confiança e fraternidade que o individualismo contemporâneo dissolve. Pois, como recorda o Apocalipse, a morada de Deus estará um dia entre os homens, e o próprio Deus enxugará toda lágrima de seus olhos – nas ruas, praças e vielas de uma cidade, enfim, redimida.

Referências

COMBLIN, José. **O Tempo da Ação**: Ensaio sobre o Espírito e a História. Petrópolis: Vozes, 1982.

COMBLIN, José. **A Força da Palavra**. Petrópolis: Vozes, 1986.

COMBLIN, José. **O Espírito Santo e a Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

COMBLIN, José. **Teologia da Cidade**. São Paulo: Paulinas, 1991.

COMBLIN, José. **Cristãos rumo ao século XXI**: Nova caminhada de libertação. São Paulo: Paulus, 1996.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

COMBLIN, José. **A Nuvem do Não-Saber**: A Teologia da Vida Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1998.

COMBLIN, José. **O Caminho**: Ensaio sobre o seguimento de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2004.

COMBLIN, José. **Vocação para a Liberdade**. São Paulo: Paulus, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

